

UMA ANÁLISE PIBIDIANA NA OBRA “PEDAGOGIA DO OPRIMIDO” COMO POSSIBILIDADE DE EMPODERAMENTO

Arnóbio Rodrigues de Sousa Júnior¹
Mayara Barros Bezerra²

RESUMO

Em tempos de truculência nesse Brasil de crises crônicas e intermináveis, nesse período tomado pelo obscurantismo de um governo neoliberal e suas políticas antipovo, o presente artigo tem como objetivo principal fazer uma análise da obra *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, a partir do olhar pedagógico e técnico do estudante bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Ademais, procura-se levar em consideração a perspectiva do empoderamento social e emancipação humana no contexto de uma sociedade com ausência da boa práxis docente e submissa à educação alienante. No conjunto do trabalho, serão discutidos e problematizados os pontos de maior relevância da obra, a saber: o debate teórico entre opressor e oprimido, a educação bancária, a dialogicidade e a ação antidialógica, conceitos intrínsecos ao pensamento revolucionário freiriano. Nesse sentido, como referencial teórico-metodológico tem-se o estudo da obra e a pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico fundamentada em autores que discutem a temática, dentre outros que fazem referência ao contexto abordado. Como resultado, tem-se que a verdadeira educação é a que coloca os aprendizes como sujeitos históricos. Essa é a pedagogia política e cultural de Freire. O autor, com proposições de empoderamento, autonomia e emancipação, visa à educação libertadora frente aos instrumentos dominantes da educação bancária e neoliberal do sistema capitalista.

Palavras-chave: Análise Pibidiana, Pedagogia do Oprimido, Educação, Empoderamento.

1. INTRODUÇÃO

Adorno (2000, p. 15) descreve que a educação já não diz respeito meramente à formação da consciência de si, ao aperfeiçoamento moral, à conscientização. É preciso escapar das armadilhas de um enfoque "subjetivista" da subjetividade na sociedade capitalista burguesa. É nesse sentido que a obra de Paulo Freire é viva e de grande importância para a construção de uma educação libertadora. A obra *Pedagogia do Oprimido* é uma das suas grandes obras de cunho educacional, político e social, escrita num período de forte repressão às massas sociais. Prova disso é o exílio ao qual foi submetido em represália aos pensamentos expostos em suas obras. Assim, nota-se o quão importante é a pedagogia freiriana, que vai contra a barbárie do

¹ Discente do quarto semestre do curso de licenciatura em Geografia pelo Instituto Federal Campus Crateús - IF, arnobiojr07@gmail.com;

² Discente do sétimo semestre do curso de licenciatura em Física pelo Instituto Federal Campus Crateús - IF, mayara.fisica.ifce@gmail.com

sistema capitalista e contra um projeto de educação colonial burguesa sem reflexões e ações críticas emancipatórias.

Desse modo, a Pedagogia do Oprimido surge durante um período reacionário, de inúmeras tentativas de coibir o pensamento crítico e a ascensão das minorias sociais. É uma obra construída contra o sistema repressor, dentro deste e sendo criada em situações concretas de opressão – por isso tamanha importância –, sobretudo no que se refere às amarras da ditadura. De tal modo a entrar em consonância com a massa oprimida pelo obscurantismo do fascismo, do conservadorismo e das forças neoliberais. Temos sempre que fazer alusões a tais marcas históricas para que possamos nos educar, emancipar-nos socialmente, construir-nos politicamente. A pedagogia do oprimido é uma proposta revolucionária, que objetiva recuperar a humanidade dos oprimidos, tendo em vista o período político pelo qual passava o País: grande repressão social das minorias, do pensamento de Freire, bem como de outros pensadores que objetivavam a educação como prática da libertação, que se distingue dos ideais burgueses.

Portanto, a pedagogia de Paulo Freire é, em si, política e favorece a classe oprimida. Os opressores não têm a mínima força de libertação dos oprimidos. De maneira análoga a tal perspectiva histórica, vivemos hoje em um contexto semelhante, ou melhor, o côncavo e o convexo. Dessa forma, é válida a análise histórica para que compreendamos o presente, o qual se encontra marcado pelos ideais neoliberais, pelo pensamento conservador enraizado na bancada evangélica; e que se assenta, sobretudo, num projeto educacional político-conservador ultrapassado, que remonta ao século XIX e que não dispõe de uma síntese de humanização.

Nesses 22 anos sem a presença física do ilustre pensador brasileiro, é válido lembrar e relembrar toda sua historicidade, enfatizando uma análise cronológica a respeito da importância de sua pedagogia para a educação emancipadora. Podendo perceber, dentro da luta de classes, vertentes ideológicas que tentam a todo custo descaracterizar a imagem de Paulo Freire, buscando explicitar o projeto de mordça e de um partido único, escola sem partido. Dentro da analogia histórica, hoje, vemos o inverso. Antes, diante de toda a repressão, objetivando a redemocratização, a luta pela educação era realizada com o enfrentamento físico aos aparelhos ideológicos de repressão a favor da classe dominante. Hoje, a luta pela educação crítica é enfrentando o sistema neoliberal, maquiavélico e burguês.

A atual geração dos mitos e seu projeto colonial alienante usa a escola, assim como outras ferramentas da educação, contra professores que defendem a educação com viés libertador, atacando concomitantemente figuras como Freire, Marx e Gramsci. Isso está claro com as tentativas de boicote à educação e de aplicação do projeto de lei Escola Sem Partido, por conseguinte, criando teorias da conspiração como o Marxismo Cultural e a Ideologia de Gênero. É nesse sentido que se estrutura o pensamento da educação capitalista que não abre espaço para o diálogo, que usa instrumentos educacionais para ludibriar toda a massa. Logo, a pedagogia de Freire se contrapõe a esse sistema. Portanto, a partir de Pedagogia do Oprimido, podemos perceber uma ideia de educação que tira o indivíduo das amarras e da condição de alienação.

Tendo em vista a farsa de sistema democrático que se tem hoje, este artigo traz a obra pedagogia do oprimido como uma verdadeira possibilidade de empoderamento, pois esta traz consigo a práxis enquanto unidade dialética indissolúvel que nos dá a possibilidade da ação revolucionária e a reflexão crítica, além de ser uma inovação didática para o contexto situado na educação bancária, na qual o professor é o detentor do conhecimento e o aluno um mero aprendiz sem voz política. Para romper as barreiras da obscuridade educacional é necessário empoderar-nos e fazermos revoluções constantemente em prol da igualdade em todas as esferas.

É esse empoderamento que traz a Pedagogia do Oprimido à luz da emancipação humana, social e política. Parafraseando Gramsci, os intelectuais orgânicos devem orientar o proletariado e as minorias em geral à emancipação. Contudo, isso só é possível mediante uma pedagogia libertadora, ou seja, a proposta pedagógica, política e libertadora sintetizada por Freire que se contrapõe a escola capitalista que forma intelectuais para benefício próprio. É necessário a práxis para a evolução humana. O pensamento de Gramsci a respeito da educação dialoga com a ideia revolucionária, dando entendimento para defendermos a escola que forma para o coletivo.

É toda essa motriz de pensamento que, por meio da obra de Freire, dentre outros aportes bibliográficos, se constitui na pesquisa que se torna essencial para o processo educacional libertador. O PIBID enquanto política de êxito e permanência na formação de professores e pela busca da identidade profissional, objetiva uma discussão para a reflexão e a defesa de uma pedagogia dialógica como ferramenta para a humanização e a educação para a sensibilidade e construções de vínculos sociais.

A análise pibidiana da obra se concebe na implicação reflexivo-dialógica que a obra repassa enquanto uma pedagogia que visa a humanizar e que mostra contrastes do atual processo de educação neoliberal. O PIBID enquanto política governamental e de suma importância para a formação docente se alinha ao debate teórico. Ademais, enquanto exercício da prática pedagógica a atuação pibidiana considera a formação humana que ultrapassa os muros da escola, percebendo as várias situações e contrastes retratados na obra. Por isso, uma análise pibidiana da obra num sentido de autonomia. Felizmente, a obra nos passa essa visão e possibilidade.

2. A OPRESSÃO COMO PROCESSO DE DESUMANIZAÇÃO E ALIENAÇÃO

De início, na obra *Pedagogia do Oprimido* muito se discute a questão do oprimido e do opressor. É uma discussão longínqua e de grande aporte teórico. Nessa perspectiva, o oprimido é o ser que tem a sua humanidade e dignidade roubadas, mas que em muitas circunstâncias este não se percebe como tal, tendo em vista as estratégias burguesas de educação. Por esse ângulo, a desumanização é fruto de um processo histórico marcado por um conjunto de desigualdades, de alijamento da existência do negro, das minorias em geral e, por conseguinte, o tornar ser menos. Desta maneira, a opressão, esse emaranhado de falsas ideias em prol de benefícios próprios, mas também construções sociais, procede ao “ser menos” como um processo de uma educação única, exclusiva e opressiva.

Segundo Freire (1987, p. 16), “humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão”. A partir do exposto, é notório dentro da história, enquanto produto de muitas facetas, a busca pela alienação do ser, de tirar-lhe a vocação do ser mais, tornando seres incompletos perante a cronologia histórica. Hoje, o sistema educacional se utiliza de ferramentas e instrumentos opressores para ludibriar uma gama de indivíduos, haja vista o processo de alienação, a ausência de uma pedagogia libertadora, crítica e a tentativa de desumanização em massa. Destarte, conforme Freire (1987), a desumanização não é destino dado, mais sim, processo histórico alienante.

É nesse viés que a *Pedagogia do Oprimido* tem o objetivo de discutir opressão e oprimido, buscando continuamente o empoderamento, levando as pessoas à conscientização, a

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

libertação para com os opressores, tornando-se seres humanizados e conscientes da sua historicidade. A opressão, esse sistema de falsas ideias que não deve se concretizar mediante a pedagogia política freiriana, é hostil, pois é um fato concreto, porém, não é vocação dos homens. Historicamente, é perceptível o quanto a educação se destaca, a priori, de forma opressora, com imposições culturais, a aculturação e a implementação de uma educação europeia, voltada para a burguesia branca. O oprimido está coagido a abrigar o opressor. E em muitas situações concretas, se espelha no opressor.

É esse sistema que os opressores objetivam. Não obstante, a pedagogia libertadora é revolucionária e emancipadora. Emancipadora porque é voltada para a condição dos oprimidos e para o uso da práxis. As formas como as pessoas se comportam nessa sociedade desigual e opressora são exemplos concretos de opressão montado por esse sistema educacional alienante. A superação dos oprimidos aos opressores só é possível mediante o uso da práxis pedagógica, da educação que condiz com o diálogo, com a materialidade histórica. Este é o propósito da Pedagogia do Oprimido, transformar o cognitivo da sociedade oprimida, para que esta se compreenda e entenda o sistema opressor como um todo. Logo, empoderamento em massa.

A Pedagogia do Oprimido, à luz da emancipação, caracterizada pelo ensino humanístico e libertador, luta pela consciência dos oprimidos com relação aos opressores, pois, nesse sistema exclusivo, os oprimidos tendem a se tornar opressores. Somente os oprimidos têm a capacidade de libertação de si mesmos, tendo em vista a propagação da falsa generosidade dos opressores, que serve como alienação, ou seja, uma situação concreta que condiciona a estrutura de pensar dos oprimidos. É necessário superar a condição de oprimidos. Contudo, isso só é possível se os homens lutarem coletivamente. Como disse Freire (1987, p.29),

somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental, é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis (FREIRE, 1987, p.29).

Nessa atual educação capitalista, a estrutura de pensar está moldada por instrumentos ideológicos que de certo modo oprimem o pensamento crítico dos aprendizes. Para tanto, é preciso mudar essa educação neoliberal, sobretudo, o tipo de escola que se constrói ideologicamente dentro desse sistema opressor para que tais não sejam condicionados a

contradição vivida na situação real de opressão. É de suma importância evidenciar a práxis na escola, pois esta é reflexão e ação para transformar o mundo e sair da condição de oprimido.

é fato que o sistema de produção capitalista põe a escola a seu serviço para atender necessidades de sua própria manutenção, especialmente para produzir trabalhadores, de forma que ela cumpre determinados papéis para o funcionamento da organização capitalista da produção. É admissível que a organização escolar contenha também elementos do processo capitalista de organização do trabalho. Entretanto, não se pode deduzir disso que a escola passe a constituir-se exclusivamente como local de trabalho capitalista (LIBANEO, 2006, p. 857).

Como bem ressalta Paulo Freire em sua obra, e pela análise da obra através do olhar piagetiano em consonância com as atuações pedagógicas no cotidiano escolar da educação pública, podemos inferir que a libertação do sistema opressor só é possível quando os homens se reconhecem como sujeitos ativos e históricos e quando estes se conduzem à reflexão prática e à ação em comunhão, superando o sistema opressor. Somente a autonomia educacional baseada no diálogo, na problematização, na vez e na voz política na sociedade, e também na conscientização pode desnaturalizar a relação opressor/oprimido e, por conseguinte, dar ao indivíduo o empoderamento frente à vigência de educação opressora, reacionária, burguesa, autoritária, segregacionista e estrategista. Os seres são vocacionados à humanização, mas os opressores roubam sua total dignidade, humanidade. São nessas contradições sociais que a relação opressor/oprimido deve ser superada.

3. A EDUCAÇÃO BANCÁRIA É O PRINCIPAL VETOR IDEOLÓGICO CONTRA A MASSA OPRIMIDA

A educação no Brasil surge literalmente para a burguesia e, inicialmente, sem atender a maioria da população brasileira, os oprimidos. Hoje, é um desafio para a educação a superação desse sistema alienante, ainda mais em um país de grandes mazelas sociais, reproduzidor de cultura alheia, marcado pelas profundas desigualdades sociais e engendrado num processo educacional burguês. Nesse sentido, podemos afirmar que o Brasil é um projeto que deu certo dentro dos padrões colocados. Hoje, a educação bancária, técnica e dualista é um mecanismo essencialmente ideológico do Estado opressor, que se concretiza contra o projeto pedagógico libertador de Paulo Freire.

Essa educação coíbe o empoderamento do aprendiz. É um mecanismo que se sustenta no ideário professor como detentor do conhecimento, alunos como meros observadores, simples

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

substratos, memorizadores do conhecimento. Portanto, considera o homem incapaz de se emancipar em relação ao professor e o oprimido em relação ao sistema. Nessa perspectiva, o homem é um ser vazio, que ainda ignora os saberes culturais e a história. Contrariamente à educação à luz da emancipação, a educação bancária proposta pelo sistema opressor e capitalista segue uma linha ideológica meramente conservadora. Daí então que nela:

O educador é o que educa; os educandos são educados. O educador é o que sabe; os educandos, os que não sabe. O educador é o que pensa; os educandos, os pensados. O educador é o que diz a palavra; os educandos, os que escutam docilmente. O educador é o que disciplina; os educandos, disciplinados. O educador é o que opta e que prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição. O educador é o que atua; os educandos, os que tem a ilusão de que atuam, na atuação do educado. O educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escola, se acomodam a ele. O educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente a liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daqueles. O educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos (FREIRE, 1987, p. 34).

Atualmente, a pedagogia de Paulo Freire é fundamental para a formação da grande massa oprimida. Deste modo, é perceptível a analogia histórica. À medida do avanço da sociabilidade, mudam-se os instrumentos e mecanismos de alienação e anulação do pensar crítico para a emancipação. O projeto escola da mordaza se associa aos ideais da educação bancária, que tem como propósito alienar e roubar a dignidade do outro. A educação libertadora possibilita o pensar autêntico. Por isso esse projeto de educação que segrega ataca corriqueiramente as tentativas de educar para a humanização, além de permitir apenas a codificação da história em detrimento da sua interpretação.

É essa permanência de mentalidade vazia que se objetiva na educação bancária. Não há o diálogo entre educador-educando como práxis pedagógica. Esse tipo de educação condiz com o pensar autêntico. De acordo com Freire (1987), a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. É a práxis que implica na ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Assim, cogita-se a respeito da educação problematizadora freiriana como possibilidade de empoderamento e emancipação.

Enquanto análise pibidiana e vivências no núcleo da escola, não se podem negar as tentativas de desmonte da educação libertadora e a permanência dessa educação bancária que ajuda a privatizar o ensino, além de introduzir mecanismos que alienam, exploram e excluem os estudantes da produção social. Logo, a educação que conscientiza não vai ao encontro com a manutenção do ideário de estudantes enquanto depósitos de conhecimento. Assim, como diz

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Freire (1987, p. 39), o antagonismo entre as duas concepções, uma, a “bancária”, que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educandos, a segunda realiza a superação.

A história não deve ser negada, mais deve ser abordada dentro de um caráter reflexivo e dialógico. Esse é um dos pontos da pedagogia libertadora que liberta dos mitos da história para poder compreendê-la. Temos que considerar a existência da totalidade. Essa é a educação como prática da liberdade, por isso, devemos dizer não à educação repressiva institucionalizada, não à domesticação da educação capitalista, não à destruição do homem pelo homem (proposto na educação bancária), não aos aparelhos ideológicos de repressão a favor dessa falsa educação, bem como nos cabe criticar fortemente o Estado por esconder suas responsabilidades sociais e por, muitas vezes, culpar os professores pelo fracasso da educação.

A educação bancária, que ignora os homens como sujeitos históricos, está alinhada à proposta de não libertação da classe oprimida, de não deixar a massa oprimida tomar consciência para se inserir criticamente na realidade. É uma educação ideológica e neoliberal, pois há a exclusão social. No neoliberalismo, a liberdade deve ser continuamente produzida e exercitada sob a forma de competição. “Eis aí o ponto fulcral que irá fazer da escola um ponto do maior interesse para o neoliberalismo” (VEIGA-NETO, 2003, p. 38). Urge, portanto, derrubar os paradigmas da educação bancária. Somente a pedagogia da criticidade pode libertar os sujeitos e lhes propor a humanização e lhes colocar como sujeitos da história. Portanto, a educação libertadora não é para os opressores, pois segundo Freire (1987, p. 43), “nenhuma “ordem” opressora suportaria que os oprimidos passassem a dizer: “por quê?”.

A educação bancária verticaliza a relação entre educador e educandos metamorfoseando estes em seres acomodados e questionáveis. Hoje, a ditadura bancária tem mecanismos ideológicos que cerceiam o pensar crítico assim como nos tempos sombrios do período ditatorial, em que se colocou a mordaca e se omitiu o saber, ou o reduziu de forma unilateral. Tudo isso é visto na educação bancária, contrariamente à educação libertadora que desperta o verdadeiro processo significante. “[...] Vi uma jaula cheia de tigres famintos, dentes arreganhados, garras à mostra – e as domadoras com seus chicotes, fazendo ameaças fracas demais para a força dos tigres” (ALVES, 2002, p. 30). Essa é a escola da educação bancária.

4. A DIALOGICIDADE E A AÇÃO ANTIDIALÓGICA: DUAS CONTROVÉRSIAS

Por certo, a dialogicidade, assim como diz Freire, é a essência da liberdade. Não há como distanciar o diálogo da práxis, pois o diálogo é essencialmente humano e necessário para compreender a história. A escola libertadora tem compromisso com a humanização e, sem dúvidas, a transformação da realidade formada nos pressupostos bancários. O diálogo como essência da liberdade, caminha em consonância com os fatos da conjuntura política. É nesse sentido, que se discute temas geradores como estratégias pedagógicas e metodológicas objetivando a emancipação da classe subalterna e apropriação de novos conteúdos por parte destes.

A dialogicidade não nega a práxis e nem minimiza a reflexão. O diálogo é, em suma, o refletir e o agir de seus sujeitos. Por isso, como diz Freire (1987), o diálogo é um instrumento que deve estar presente no ser ontológico. Contrariamente à dialogicidade, a ação antidialógica é incompatível para com o diálogo. A dialogicidade é uma força motriz para a classe oprimida como essência da educação libertária. Mas as escolas apresentam um falso diálogo, haja vista a submissão à educação bancária e neoliberal. “Falar, por exemplo, em democracia e silenciar o povo é uma farsa. Falar em humanismo e negar os homens é uma mentira” (FREIRE, 1987, p. 47). Essas são as finalidades das escolas de educação bancária, pois não permitem perceber o mundo de perto. A este respeito, Rubem Alves fortalece o nosso pensar:

Há escola que são gaiolas. Há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprenda a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, seus donos pode leva-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência do pássaro é vôo. Escolas que são asas não amam pássaro engaiolados. Os que elas amam são pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nascem dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado. (ALVES, 2002, p. 29-30).

O conhecimento é uma construção dialógica que se dá em conjunto com a ação e a reflexão do indivíduo no mundo. Precisamos de escolas que trabalhem em conjunto com a práxis, pois, segundo Freire (1987), não há palavra verdadeira que seja a práxis. No seio da atual educação neoliberal, o diálogo é um grande problema para a classe dominante, que usa a educação como estrutura basilar para manter o atual sistema de beneficiamento próprio. Na análise da obra e a partir do perfil de Paulo Freire, é notório que o diálogo é a ação primordial de sua pedagogia. Desse modo, se efetiva na relação educador e educando.

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação e reflexão” (FREIRE, 1987, p. 44). Logo, o diálogo enquanto veículo pedagógico proporciona a ação cultural, ou seja, os sujeitos passam a ser sujeitos históricos. A teoria da ação dialógica é uma ferramenta que une, organiza, colabora e sintetiza o conhecimento dos sujeitos mediatizados pelo mundo. A educação é um verdadeiro processo político-pedagógico. Contudo, a verdadeira educação que liberta está embutida no diálogo, pois este é uma ação cultural, e, por conseguinte, nas relações sociais do cotidiano do ser humano, do quefazer humano. O diálogo é um vetor que sintetiza e organiza a massa oprimida contra os opressores, pois segundo Freire (1987), a práxis revolucionária somente pode opor-se à práxis das elites dominadoras. E é natural que assim seja, pois são quefazeres antagônicos.

Apercebesse que a verdadeira práxis dialoga com a massa oprimida. Não obstante, a educação antidialógica tende a privar o pensamento do aprendiz por meio da invasão cultural, em que o aluno está submisso à manipulação do conhecimento. Nesse sentido, invasão cultural é diferente de ação cultural. A primeira é estratégia da classe dominante, que conquista para benefício próprio e aliena as minorias. A segunda vai contra a primeira, organiza a prática pedagógica e é sinônimo de comunicação.

METODOLOGIA

Como metodologia para o desenvolvimento do trabalho, foi necessário o estudo a respeito da obra, observando, compreendendo e descrevendo a obra em diferentes perspectivas históricas. Além do estudo da obra, foi feita uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico em autores que culminam com a proposta de Freire discutindo a temática. Além de nos fundamentarmos em outros autores que também discutem a educação no sentido de libertar dentre outras referências ao contexto abordado.

Além disso, tem-se também como metodologia, as discussões nos núcleos das escolas de atuação pibidiana e nas vivências dentro da atual educação no contexto neoliberal. Tendo em vista a busca pelo diálogo na conjuntura educacional, tem-se ainda o contato direto com autores e atores da comunidade escolar e acadêmica contribuindo no desenvolvimento da temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação só tem sentido se for para a emancipação de todos. Por isso os indivíduos têm que ser sujeitos de sua aprendizagem. Esse é o sentido da pedagogia freiriana da educação libertadora, emancipadora, que, em suma, é política e cultural, pois dá voz e vez às massas oprimidas. Nas discussões a respeito das principais temáticas da obra, é válido enfatizar o quanto a educação problematizadora é fundamental para o empoderamento, pois dá autonomia e possibilita ao aprendiz compreender a máxima de educação “formação para a cidadania”, a qual torna o aprendiz um cidadão em suas relações sociais. Portanto, não há como negar que na educação libertadora o aprendiz é um protagonista, pois está submetido à história, à realidade social. Ao contrário da educação libertadora, a educação liberal, enquanto teoria pedagógica, é alienadora e colabora para a manutenção da opressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a pedagogia política de Paulo Freire é viva e emancipatória. Foi possível perceber que a proposta pedagógica defendida por Freire é política e, sobretudo, cultural, tendo em vista que coloca os seres humanos como sujeitos históricos. Dessa forma, o diálogo é um dos principais canais de comunicação defendidos por Freire na construção de seus veículos pedagógicos, na relação educador e educando e na busca pela construção dialógica.

O PIBID, enquanto uma política que objetiva a qualificação na formação profissional do graduando e na busca pela identidade docente, proporcionando a aproximação com as práticas do cotidiano escolar desse sistema educacional, foi uma ferramenta de cunho pedagógico para a compreensão da realidade educacional proposta pela educação bancária. Sem dúvidas, a pesquisa foi de grande valia para a formação docente enquanto pibidiano e futuro profissional do magistério. Desse modo, a pesquisa estimula a viabilização de novas metodologias educacionais em espaços abertos ao diálogo e que contribuam na formação dos graduandos nos cursos de licenciatura e na formação humana em geral.

Urge, portanto, vulgarizar a falha do atual sistema de educação e por em questão a necessidade da educação problematizadora que usa o diálogo como forma de revolucionar. Hoje, a educação freiriana é inclusiva e inovadora frente aos sistemas ideológicos opressores. Assim, devemos valorizar a educação que inclui, emancipa e liberta.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

ALVES, Rubem. Por uma educação romântica. Papyrus Editora, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. Diretrizes curriculares da pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores. Educação & Sociedade, v. 27, n. 96, p. 843-876, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. Governamentalidade, neoliberalismo e educação. Foucault: filosofia e política. Belo Horizonte: Autêntica, p. 37-52, 2013.